



Diversidade:
Diferentes,

não

Desiguais

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-090-2

DOI 10.22533/at.ed.902190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)CONSTRUÇÕES DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E DAS CORPORALIDADES EM A PELE QUE HABITO	
Vivian da Veiga Silva Ana Maria Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.9021905021	
CAPÍTULO 2	7
“LGBTTRABALHADORES”: OS FORA DA NORMA INSERIDOS NO MERCADO DE TRABALHO	
Rafael Paulino Juliani Rosemeire Aparecida Scopinho	
DOI 10.22533/at.ed.9021905022	
CAPÍTULO 3	16
“BAIXOU A 1140 AQUI?” DIFERENÇAS E DISTINÇÕES NAS PRAIAS GAYS DE COPACABANA E IPANEMA	
Alexandre Gaspari	
DOI 10.22533/at.ed.9021905023	
CAPÍTULO 4	23
A IGUALDADE DE GÊNERO E O EMPODERAMENTO FEMININO COMO OBJETIVO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Ana Claudia Lopes Venga Larissa Valim de Oliveira Farias	
DOI 10.22533/at.ed.9021905024	
CAPÍTULO 5	36
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NO BRASIL	
Ana Carla Menezes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9021905025	
CAPÍTULO 6	47
BRINCAR DE BONECA É COISA DE MENINO. E DE MENINA TAMBÉM!	
Lorena Marinho Silva Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.9021905026	
CAPÍTULO 7	59
CIBORGUES E CIBERFEMINISMOS NO TECNOCAPITALISMO	
Cláudia Pereira Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.9021905027	
CAPÍTULO 8	81
BRINCADEIRAS INFANTIS E MODERNIDADE: BRINQUEDOS TÊM GÊNERO?	
Alexandra Sudário Galvão Queiroz Maicon Salvino Nunes de Almeida Celia Nonato	
DOI 10.22533/at.ed.9021905028	

CAPÍTULO 9 88

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CLÍNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Lacilaura Bomtempo Lamounier Costa

Bruna Afonso Gibim

Rafael De Tilio

DOI 10.22533/at.ed.9021905029

CAPÍTULO 10 94

CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM SOBRE PESSOAS TRANSEXUAIS: REVISÃO INTEGRATIVA

Carla Andreia Alves de Andrade

Alberto Magalhães Pires

Taiwana Batista Buarque Lira

Karla Romana Ferreira de Souza

Rianne Rodrigues de Lira

Wanderson Santos Farias

Josueida de Carvalho Sousa

Andréa Roges Loureiro

DOI 10.22533/at.ed.90219050210

CAPÍTULO 11 106

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO DIRIGIDA À MULHER NEGRA NO ÂMBITO DOMÉSTICO E FAMILIAR

Nayra Leal Feitosa

Felipe Silva Duarte

Joseane de Queiroz Vieira

DOI 10.22533/at.ed.90219050211

CAPÍTULO 12 114

CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DA IDEOLOGIA DE SUBMISSÃO FEMININA: EM ESPECÍFICO OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Heloisia Silva Alves

DOI 10.22533/at.ed.90219050212

CAPÍTULO 13 121

DISCURSO, MÍDIA E INFORMAÇÃO: SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA NA COMUNIDADE LGBTQTTI

Deyvid Braga Ferreira

Lívy Ramos Sales Mendes de Barros

DOI 10.22533/at.ed.90219050213

CAPÍTULO 14 136

FACEBOOK E HOMOSSEXUALIDADE: ENUNCIADOS E PRECONCEITO NA REDE SOCIAL

Rodrigo Luiz Nery

DOI 10.22533/at.ed.90219050214

CAPÍTULO 15	151
FEMINISMO E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS BRASILEIROS	
Dejeane de Oliveira Silva	
Mirian Santos Paiva	
Edméia de Almeida Cardoso Coelho	
Fernanda Matheus Estrela	
Raiane Moreira Coutinho da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.90219050215	
CAPÍTULO 16	162
GÊNERO, ESCOLA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS	
Andrea Geraldí Sasso	
Fabiane Freire França	
DOI 10.22533/at.ed.90219050216	
CAPÍTULO 17	173
INTERFERÊNCIAS DA VISÃO ANDROCÊNTRICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS SENTENÇAS SOBRE OS CRIMES DE ESTUPRO CONTRA MULHERES	
Lívy Ramos Sales Mendes de Barros	
Wanessa Oliveira Silva	
Deyvid Braga Ferreira	
José Humberto Silva Filho	
Marcus Vinicius de Almeida Lins Santos	
DOI 10.22533/at.ed.90219050217	
CAPÍTULO 18	186
MACHISMO INVISÍVEL E A CATEGORIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS	
Lycia Rinco Borges Procópio	
Jarbene de Oliveira Silva Valença	
DOI 10.22533/at.ed.90219050218	
CAPÍTULO 19	194
O FEMINISMO NO CORPO DA MULHER TRANS	
Diana Dayane Amaro de Oliveira Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.90219050219	
CAPÍTULO 20	201
O PROBLEMA DO PATRIARCADO E A MANUTENÇÃO DA CULTURA DO ESTUPRO	
Lissa Furtado Viana	
Emannuely Cabral de Figueiredo	
Otávio Evangelista Cruz	
Raíssa Feitosa Soares	
Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.90219050220	
CAPÍTULO 21	210
PALAVRAS: ESCRITA FEMININA, LUSOFONIA, ÁFRICAS	
Izabel Cristina Oliveira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.90219050221	

CAPÍTULO 22 221

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES PRETAS LÉSBICAS NO MERCADO DE TRABALHO EM SALVADOR

Juliana de Castro Braz
Tânia Moura Benevides

DOI 10.22533/at.ed.90219050222

CAPÍTULO 23 231

OS CABARÉS IPUENSES: O COMÉRCIO DO SEXO EM IPU (1960-1980)

Francisco de Souza Lima Filho
Dalvanira Elias Camelo

DOI 10.22533/at.ed.90219050223

SOBRE A ORGANIZADORA..... 237

BRINCAR DE BONECA É COISA DE MENINO. E DE MENINA TAMBÉM!

Lorena Marinho Silva Aguiar

Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Participante do Grupo de Pesquisa sobre Produção e Condição Docente – PRODOC/UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.

RESUMO: O artigo problematiza o “brincar de boneca” como uma brincadeira estereotipada no que diz respeito às questões de gênero. Para tanto, é feito um breve histórico sobre a origem das bonecas e, em seguida, é tecida uma apresentação e análise de algumas pesquisas de autoras/es que discutem essa brincadeira numa perspectiva educativa e democrática. Por fim, apontamos os benefícios de os meninos também brincarem de boneca e a urgência em desconstruir os estereótipos de gênero nas brincadeiras infantis.

PALAVRAS CHAVE: Brincar de boneca; Estereótipos de gênero; Educação Infantil.

ABSTRACT: This article relies on the discussion about the “doll play” as a gender stereotyped play. Therefore, it is made a brief history of the origin of the dolls, as well as a bringing together of authors and researches discussing the games in childhood from an educational and democratic perspective. Finally, we point out

the benefits of the boys also play doll and the urgent need to deconstruct gender stereotypes in children’s play.

KEYWORDS: Doll play; Gender stereotypes; Child education.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto das reflexões que surgiram a partir de uma pesquisa de mestrado, finalizada em 2016, intitulada “Um olhar sobre práticas pedagógicas que transgridem os estereótipos de gênero na Educação Infantil na região metropolitana de Belo Horizonte”. Nesta, investigamos práticas pedagógicas de professoras de educação infantil que, inseridas em uma cultura heteronormativa e sexista, procuram, por meio de suas práticas, transgredir os estereótipos de gênero; houve duas “sujeitas” da pesquisa e, ao todo, foram analisados 18 episódios que envolviam as questões de gênero e sexualidade. No presente artigo pretende-se aprofundar a análise de um dos episódios observados na dissertação, qual seja, o “brincar de bonecas” realizado pelos meninos.

Antes de iniciarmos as problematizações e análises que este trabalho pretende fazer, salientamos que:

Segundo as normas da ABNT, na citação direta, indica(m)-se a/o(s) autor/a(s) pelo último sobrenome, em maiúsculas, seguido da data e da página referente à citação. Contudo, nesta pesquisa, por uma questão política, optamos por colocar o primeiro nome seguido do sobrenome de todas/todos as/os autoras/es para dar visibilidade às mulheres escritoras/pesquisadoras (Lorena AGUIAR, 2016).

Além dessas questões sobre as citações diretas, nós adotaremos ao longo deste trabalho, diferenciações (as/os, as/es) no lugar do modo habitual da língua padrão que adota o masculino como norma, pois compreendemos o papel que a língua pode exercer para a desconstrução da desigualdade de gênero tanto quanto para a sua disseminação. Feitas as devidas ponderações metodológicas e afetas à normalização desta pesquisa, passemos à análise do episódio descrito na dissertação em que os meninos “brincaram de boneca”.

A atividade pedagógica observada aconteceu da seguinte maneira: a professora Any (pseudônimo escolhido pela “sujeita”) em uma tentativa de fazer os meninos brincarem de boneca, separa a turma (meninos de um lado e meninas de outro) e oferece para os meninos somente bonecas como opção de brincadeira. Em um primeiro momento eles não quiseram brincar, contudo a professora insistiu:

(...) eu ofereci bonecas só para os meninos (...) eles tinham que brincar com bonecas do jeito que quisessem. Foi uma loucura, porque foi boneca jogada para cima, boneca amontoada; era um outro brincar, um brincar que a gente está desacostumado de ver. Eu ficava com pena até das bonecas. Elas sofreram (Professora Any, entrevista realizada em 16/07/2015).

Como relatado acima, percebemos que o oferecer bonecas somente para os meninos, a princípio, foi recebido com certa resistência por parte deles. Entretanto, ao perceberem que podiam brincar da forma que quisessem, os meninos criaram uma nova forma de brincar com o objeto (boneca). A docente relatou da seguinte forma: “*Para eles, foi quase blocos de encaixar, quase foi um brinquedo de empilhar...*” (Professora Any, entrevista realizada em 16/07/2015).

Não discordo da professora quando ela coloca que é legal as crianças brincarem com os brinquedos de forma inusitada e criativa; a todo momento devemos prezar e valorizar a ludicidade e criatividade das crianças. Contudo, ao analisar essa atividade da professora, a configuro como não transgressora dos estereótipos de gênero, uma vez que a transgressão viria na prática dos meninos romperem com o estereótipo de que “brincar de boneca” é coisa de menina e, assim, brincassem livremente com as bonecas como sendo bebês para cuidar.

O que aconteceu na atividade não foi uma transgressão de estereótipos de gênero (brincar de boneca é coisa de menina) e sim uma adaptação do objeto para uma brincadeira aceita para os meninos. Seria a mesma lógica no caso dos carrinhos para as meninas, como apontam Cruz, Silva e Souza (2012):

Carros são objetos pensados e criados para o masculino, mas quando se estende para ao feminino o carro precisa ser “feminizado”, necessita fazer parte do universo tipicamente feminino: um carro delicado, com cores variando entre o rosa, o roxo e o lilás. O carro de menina não é pensado como sendo um carro de menino. Menina quando pode brincar ou gostar de carro, este precisa entrar em seu campo de materialização do feminino (Lilian CRUZ; Zenilton SILVA; Marcos SOUZA, 2012, p. 6).

Logo, a brincadeira do “brincar de boneca” seguiu nessa direção. Foi preciso que os meninos adaptassem as bonecas para o mundo deles para que, somente então, pudessem utilizá-las. No entanto, me questiono por que é tão difícil romper com esses estereótipos? Quais seriam as consequências do “brincar de bonecas” realizado pelos meninos? Essas são as principais questões que este artigo se propõe a responder.

Isto posto, neste artigo faremos um breve histórico sobre o “brincar de boneca”, as repercussões dessa separação binária (brincadeiras de menina e brincadeiras de menino) para a educação das crianças e, por final, apontamos para a importância de desnaturalizar os estereótipos de gênero e os binarismos que são construídos e reafirmados na sociedade.

2 | BONECAS PARA QUEM?

Para as meninas existe uma vastíssima gama de objetos miniaturizados que imitam os utensílios caseiros, como serviços de cozinha e toilette, bolsas de enfermeira com termômetro, faixas, esparadrapo e seringas, dependências como banheiros, cozinhas completas com eletrodomésticos, salas, quartos, quartinhos para bebês, jogos para coser e bordar, ferros de passar, serviços de chá, eletrodomésticos, carrinhos, banheirinhas e uma série infinita de bonecas com o respectivo enxoval. (...) Para os garotinhos em geral os brinquedos divergem completamente: meios de transporte terrestre, navais e aéreos de todas as dimensões e de todos os tipos: navios de guerra, porta-aviões, mísseis nucleares, naves espaciais, arma de todo o tipo, desde a pistola de *Cowboy* perfeitamente imitada até alguns sinistros fuzis-metralhadoras que diferem dos verdadeiros apenas pela menor periculosidade, espadas, cimitarras, arcos e flechas, canhões: um verdadeiro arsenal militar (Daniela FINCO apud BELOTTI, 1975, p.75).

Essa citação foi escrita em 1975, mas caberia muito bem nos dias de hoje, não é mesmo? Contudo, será que foi sempre assim? Desde o processo de criação dos brinquedos já havia distinção de sexo para o seu uso?

O que se deve ter claro, primeiramente, no que diz respeito às brincadeiras e jogos infantis, é que estes são, e sempre foram, um artefato da cultura. Segundo Maria Isabel Leite (2002) o sentido que é dado ao brinquedo dependerá do seu contexto social, histórico e cultural. Assim, dependendo da cultura em que a criança se encontra, esses elementos (brinquedo, brincadeira e jogo) podem receber diferentes significados.

Utilizaremos as palavras “brinquedo, brincadeira e jogo” de forma distinta, pois

cada uma tem um significado diferente. De acordo com Tzucu Kishimoto (2001), o brinquedo é o material que dá suporte à brincadeira, haja observado que há brincadeiras que não utilizam brinquedos, tal como a amarelinha, esconde-esconde, pique pega, dentre outras. O jogo é a junção da brincadeira com as regras, quer dizer, há a ludicidade da brincadeira e há também regras para serem seguidas, a depender do contexto social no qual se inserem. Tomemos como exemplo a bola, a qual é um brinquedo que pode dar suporte tanto a uma brincadeira (brincar de bola), como a um jogo (vôlei e/ou futebol).

Quando pensamos em brinquedos, geralmente pensamos também em criança. No entanto, ao pesquisar sobre a história dos brinquedos, descobri que eles foram utilizados antes mesmo de existir a noção de criança. Segundo o historiador Philippe Ariès (1981) a noção de criança como um ser distinto das/os adultas/os não existia até o fim do século XVIII; já sobre os brinquedos constam relatos desde os tempos mais longevos.

Portanto, nessa época a criança não tinha uma infância protegida, ou seja, não tinha sido ainda isolada em um mundo próprio criado para elas, elas viviam totalmente integradas à sociedade, junto aos adultos. Nesse contexto, a maioria dos brinquedos era compartilhada tanto por adultos quanto por crianças, tanto por meninos como por meninas, nas mais diversas situações do cotidiano (Ligia MEFANO, 2005, p. 19).

Além disso, de acordo com Walter Benjamin (1984), a maioria dos brinquedos na Antiguidade eram utilizados para rituais religiosos, como, por exemplo, o chocalho – muito utilizado pelos/para bebês ainda na atualidade.

(...) desde os tempos mais remotos, o chocalho é um instrumento para afastar maus espíritos, que deve ser dado justamente aos bebês. Há um grande equívoco na suposição de que são simplesmente as próprias crianças, movidas por suas necessidades, que determinam todos os brinquedos. Muitos dos mais antigos (a bola, o papagaio, o arco, a roda de penas) foram de certa forma impostos às crianças para serem, ao longo da história, transformados em brinquedos e produzidos em série (BENJAMIN, 1985, p. 250).

A história das bonecas não foi diferente, pois também é pertencente a um mesmo contexto. Isto é, sua trajetória histórica caminha de forma correlacionada à religiosidade e, posteriormente, aos brinquedos em série. Segundo Ariès (1981):

Os historiadores dos brinquedos e os colecionadores de bonecas e de brinquedos-miniatura sempre tiveram muita dificuldade em distinguir a boneca, brinquedo de criança, de todas as outras imagens e estatuetas que as escavações nos restituem em quantidades semi-industriais e que sempre tinham uma significação religiosa: objetos de culto doméstico ou funerário, ex-votos dos devotos de uma peregrinação etc. (...) Aquilo que na Idade Moderna se tornaria seu monopólio, ainda era partilhado na Antiguidade, pelo menos pelos mortos. Essa ambiguidade da boneca e da réplica persistiu durante a Idade Média, por mais tempo ainda no campo: a boneca era também o perigoso instrumento do feiticeiro e do bruxo

Mais precisamente, ao se referir às bonecas como objeto do brincar, Ligia Mefano (2005) as descreve, apesar de não se ter datado com precisão a origem, como um exemplo de brinquedo que está presente em todas as culturas. Em sequência, ao relatar o contexto histórico das brincadeiras de boneca associa o objeto (boneca) às meninas da seguinte forma:

(...) sabe-se que há 40 mil anos, na África e na Ásia, foram encontradas as primeiras estatuetas de barro feitas para rituais”. Historiadores que realizaram pesquisas sobre esse tema consideram que a transição das bonecas como ídolos para brinquedos ocorreu no Egito, há 5 mil anos. Foram achadas em túmulos egípcios de crianças bonecas esculpidas em pedaços de madeira. Os bonecos e bonecas nessa época não representavam crianças, eram miniaturas de adultos tendo os sexos bem definidos. Uma criança egípcia não podia brincar com um boneco que representasse um ídolo, e sim com um boneco que fosse um servo. Na Grécia e em Roma, em 500 a.C., as bonecas recebiam nomes de *nympha* e *pupa*, que significavam “moça pequena”. Tinham braços e pernas articulados e cabelo humano. As meninas gregas brincavam com bonecas até se casarem, quando dedicavam sua boneca à Afrodite, deusa do amor e da fecundidade. Os meninos romanos, por sua vez, brincavam com bonecos feitos em cera e argila que representavam soldados (MEFANO, 2005, p. 10).

Com o passar dos anos, a partir do processo de expansão industrial em meados do século XVIII, as bonecas foram se transformando em objeto do “desejo de preparação das meninas para a maternidade” e, em 1413 na cidade de Nuremberg na Alemanha, surge a primeira fábrica de bonecas (MEFANO, 2005, p.11). Essas bonecas ainda não eram as bonecas bebês que utilizamos como objeto do “brincar de boneca”, as quais demandam cuidados – banho, comida/mamadeira, fazer dormir, trocar a fralda, fazer parar de chorar, etc. As bonecas bebês surgiram no século XIX em Paris e logo ganharam espaço também na Alemanha. Suas cabeças eram feitas de “porcelana e biscuit; os olhos, de cristal; os cabelos, feitos com fios de cabelos naturais; e o corpo, de madeira ou pelica, com enchimento de serragem” (MEFANO, 2005, p.12). A plastificação das bonecas chega ao mercado de brinquedos após a segunda guerra mundial, substituindo as matérias primas naturais.

Ao longo da pesquisa sobre a história dos brinquedos e principalmente da boneca, percebi que os brinquedos acompanharam cada geração, contextualizavam a época e foram se aprimorando conforme as exigências do mercado. Principalmente no que tange às bonecas, elas ganharam gradativo espaço, formas e sobreviveram, inclusive, ao surgimento da era digital; segundo as pesquisas de mercado, elas ocupam o topo da lista dos brinquedos mais desejados no dia das crianças e natal (Marta, CAVALLINI, 2016).

Na atualidade as bonecas apresentam-se alinhadas a infinitas possibilidades de brincadeiras: elas têm profissões, adereços, tamanhos e funções bem diferentes umas das outras. Contudo, entre essa gama de variedade há algo em comum, o público

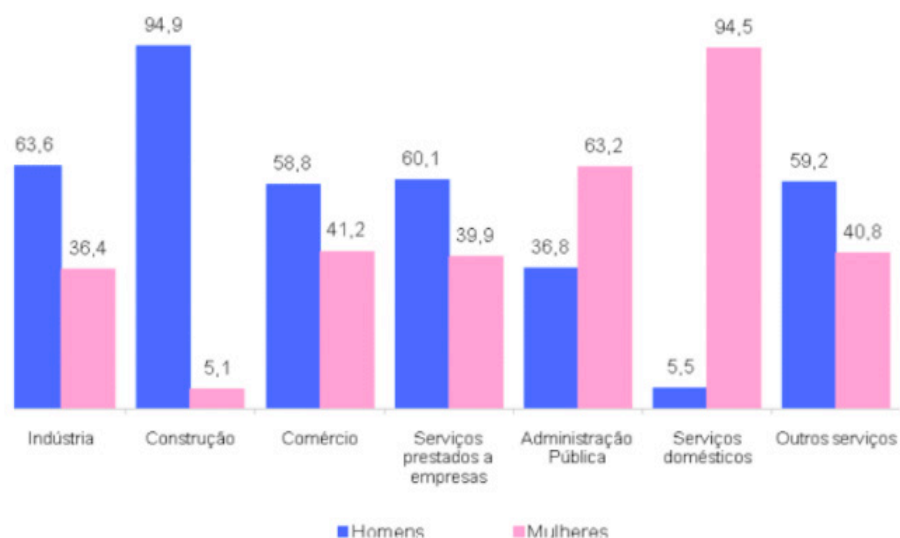
alvo: as meninas.

Quando as bonecas foram ganhando espaço no universo infantil, elas passaram a reproduzir um conjunto cada vez maior de traços da vida/cultura da época em que eram confeccionadas. Nos idos do século XVIII, as mulheres de classe alta e média não trabalhavam fora de casa, se ocupavam basicamente das tarefas domésticas, dos cuidados com o marido e filhas/os, enquanto que as mulheres de classe baixa trabalhavam fora de casa e geralmente tinham como ofício os afazeres domésticos nas casas das famílias mais abastadas ou/e o plantio nos campos – agricultura familiar. No entanto, independente da classe em que pertenciam, ambas tinham muitas filhas e filhos e, a partir dessa expectativa de que as crianças do sexo feminino seriam futuras mães de extensa prole, elas se afeiçoavam às bonecas como uma forma de se preparem para seu futuro.

De acordo com Elisabeth Badinter (1985), o amor materno ganhou força a partir do século XVIII, sendo instituído como um valor social e natural das mulheres. A associação do “amor” com o “materno” institucionalizou a mulher como mãe. A maternidade passa adquirir outro sentido, pois além de cuidar das filhas e filhos passa a ser também responsabilidade da mulher assegurar sua educação. Neste sentido, estes deveres são fixados pela sociedade como sendo da “natureza” da mãe e, conseqüentemente, do sexo feminino.

Em dias atuais, pelo contrário, nós mulheres não ocupamos só os espaços domésticos. A grande maioria, sejam ricas ou pobres, trabalham para seu sustento e sustento de suas famílias. Segundo dados do IBGE (2010), os percentuais de mulheres inseridas no mercado de trabalho pouco se diferem dos percentuais de homens.

Distribuição da população ocupada, por grupamentos de atividade, segundo o sexo 2009*



Fonte: IBGE, Pesquisa Mensal de Emprego 2010.

Percebam que nos agrupamentos que incluem a Indústria, Construção,

Administração Pública e Serviços Domésticos a disparidade entre os sexos é bem grande. Analisando a tabela acima sob a ótica da categoria gênero, não me surpreende o fato de as mulheres ainda serem a minoria nas Indústrias e nas Construções e a maioria nos Serviços Domésticos. Afinal, como foi citado, há todo um processo histórico que categoriza as mulheres como seres que têm, naturalmente, interesses e dons para os trabalhos que envolvem o ambiente doméstico.

No delatado contexto em que se afloram os mencionados dons inatos às mulheres, conseguimos entender porque as bonecas são preferências das meninas, certo? Errado, não deveria ser assim. Uma vez que as mulheres passaram a ocupar os espaços não domésticos (mercado de trabalho), a exclusividade dos afazeres do lar não deveria ser nossa, pois o que ocorre é um acúmulo de funções. A supracitada pesquisa do IBGE demonstra que quase 90% das mulheres que trabalham fora de casa também são responsáveis pelos trabalhos do lar em que vivem (IBGE, 2009). Inclusive, segundo a mesma pesquisa a carga horária feminina de afazeres domésticos equivale a um segundo emprego de meio período.

A esse ponto, quando retomamos o olhar para o “brincar de boneca”, a separação binária entre brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos, acrescida de vários outros comportamentos que são estimulados desde a mais tenra idade, perfaz um dos principais mecanismos por meio dos quais a sociedade estabelece os estereótipos de gênero e, aos poucos, acaba por “colocar cada sexo/indivíduo no seu devido lugar”. Meninas são educadas para serem passivas, submissas, maternais, delicadas, e meninos para serem viris, fortes, dominantes, um sobrepondo o outro.

Ainda, ao disponibilizarmos e incentivarmos o uso das bonecas só para as meninas, estamos contribuindo para a perpetuação dessas relações hierarquizadas e dos estereótipos de gênero. Em um mundo com tanta diversidade, e aqui não estou falando apenas de orientações sexuais, há necessariamente uma diversidade de identidades: mulheres que não querem ser mães, outras que se identificam com a área das exatas, outras que não são vaidosas, nem meigas, que priorizam o trabalho e não a família; da mesma forma como homens que são vaidosos, sensíveis, os que querem casar, que gostam de cuidar das/os filhas/os, etc. É incompreensível e injustificável o estímulo da prática enviesada de se estereotipar o brincar de boneca como sendo algo exclusivo de meninas, pois além de limitar o processo de aprendizado das crianças, acaba por incentivar e perpetuar uma cultura de preconceitos e de suplantação das individualidades.

Relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Assim estaremos dando a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos, vivendo a infância com sua inteireza, em sua plenitude (Daniela FINCO, 2003, p.100).

Muitos pais e mães não incentivam seus filhos (sexo masculino) a brincarem de

boneca ou de casinha por terem medo de que se tornem homossexuais. Mas pensar que determinados objetos influenciarão a sexualidade das crianças é um olhar muito simplista sobre a questão. O ato de brincar é fundamental na infância, é a principal forma de aprendizagem e de compreensão do mundo para as crianças pequenas, além de proporcionar prazer e permitir várias maneiras de expressão. A neurologista e pesquisadora Lise Eliot (2013) afirma que:

Existe uma razão muito simples para os pais hesitarem em promover o brincar não tradicional: o medo. As mães poderiam se preocupar: “Meu filho já é tão apegado a mim. Se eu deixar brincar com bonecas e com meus sapatos de salto, será que isso não afetarà sua masculinidade? Isso não o tornará gay?” A resposta é não. Deixando de lado a questão de alguns pensarem que a homossexualidade é errada, a maioria das evidências nos mostra que a orientação sexual de uma criança não é algo que os pais possam controlar, mesmo que quisessem (Lise ELIOT, 2013, p.135).

O professor Anderson Ferrari (2015) fez uma palestra sobre relações de gênero e sexualidade na escola e nesta ele cita um caso de uma professora que apontou um de seus alunos como sendo homossexual com base no fato de que na hora do recreio ele não queria brincar com os meninos, só com as meninas (ou então com ela, a professora), além de não gostar muito de brincar de bola. Ferrari, então, interpela a professora da seguinte forma: “Mas onde está a homossexualidade? Nele, ou em você?” e explica:

Percebam que ela (a homossexualidade) está na professora e não no menino. Calma com essa classificação, calma com essa pressa. A criança está se descobrindo; nós estamos constantemente construindo nossas identidades. Há uma necessidade de rotular as crianças desde muito cedo (informação verbal).

As crianças não têm desejo sexual e nem uma orientação sexual definida, mesmo porque elas não têm relações sexuais, considerando estas não como somente sendo o simples ato de intercursos sexual. Logo, devemos nos despir desse olhar adultocêntrico quando estamos lidando com as crianças. Nessa mesma linha, em pesquisa de mestrado pude perceber que:

O controle e a vigília sobre os corpos e a sexualidade das crianças ainda são muito fortes nas escolas, não proporcionando uma verdadeira liberdade de expressão para esses sujeitos. Há uma pressão para manter as identidades hegemonicamente construídas, de forma que as crianças sejam submetidas diariamente ao exacerbamento do poder das pessoas adultas que fazem uso dele para realizarem a conformação das crianças ao ideal estereotipado da sociedade (Lorena AGUIAR, 2016).

Proibir, inibir ou evitar que as crianças brinquem com determinados brinquedos ou brincadeiras são atitudes perversas de repressão contra a criança e apenas concorrem com o intuito de reafirmar crenças que as/os adultas/os têm sobre o que

é certo e errado, normal e anormal. A questão de brincar de bonecas, por exemplo, segundo Eliot (2013) é uma atividade muito saudável para meninas e meninos.

Os pais de meninos devem prestar atenção, porque brincar com bonecas ou cuidar de bebês trazem muitos ganhos. Brincar de boneca e encenar os papéis de pai e mãe reforça habilidades sociais e emocionais: cuidar de outras pessoas, levar em conta suas necessidades e atendê-las, bem como perceber o que elas estão sentindo (ELIOT, 2013, p. 155).

O documento “*Brinquedos e Brincadeiras de Creches: manual de orientação pedagógica*” coloca que um dos propósitos dos meninos brincarem de boneca é que, tal como as meninas, “durante as brincadeiras, especialmente com bonecas, as crianças expressam seus conhecimentos sobre os cuidados pessoais: tomar banho, pentear o cabelo, vestir-se, trocar fraldas” (BRASIL, 2012, p. 39).

Anteriormente ao citado manual, a pesquisadora e professora Daniela Auad já havia publicado um estudo sugerindo algumas práticas educativas que corroboram a construção de uma sociedade mais igualitária e democrática, sendo que dentre elas há: “Incentivar, igualmente, meninos e meninas a brincar de boneca, cozinhar, fazer marcenaria, costura e todo tipo de trabalho manual” (2006, p. 83). Percebemos, então, que há indícios de que brincar de boneca contribui para o desenvolvimento das crianças independente do seu sexo.

Há pais e mães e educadoras/es que argumentam que essa distinção dos brinquedos para meninas e brinquedos para meninos é uma escolha das crianças ou tendência de cada sexo. Contudo, esse argumento também não é válido, uma vez que contraria pesquisa realizada pela doutora Melissa Hines (2009) da Universidade de Cambridge, onde 120 bebês de até 2 anos de idade, distribuídos na mesma quantidade de meninos e meninas, mostraram ter preferência iguais por bonecas, cores e objetos circulares; somente a partir dos dois anos os meninos passam a demonstrar preferência por carrinhos. O estudo concluiu, então, que o gosto por brinquedos é adquirido socialmente, não é algo inato nas crianças. De acordo com Kishimoto e Ono (2008, p. 210) “os pais que constroem o primeiro ambiente de brinquedos da criança, antes que ela comece a fazer suas escolhas” e, ao longo dos anos, as mães e pais vão reforçando as atitudes desejáveis e indesejáveis segundo a opinião delas/es. Como coloca Eliot (2013):

[...] os pais respondem mais positivamente quando a criança escolhe um brinquedo adequado ao seu gênero, por exemplo, quando o menino pega um martelo e a menina empurra um carrinho de compras. E é mais provável que fiquem arrepiados quando a criança brinca com o tipo “errado” de brinquedo – o menino abraça uma boneca ou a menina brande uma espada. Os pais (homens) reagem mais fortemente que as mães, especialmente quando veem o filho em alguma brincadeira tipicamente feminina (ELIOT, 2013, p.134).

Durante todo o processo de pesquisa e escrita de dissertação com tema correlato, pude averiguar que as crianças estão muito abertas às novas formas de relacionar com outras crianças e com o mundo. Elas escutam o que as professoras/es e adultos/os dizem, questionam, problematizam e ainda contribuem para extinguir a desigualdade de gênero. Algumas pesquisas das autoras Danielle Carvalhar (2009) e Daniela Finco (2004) já haviam demonstrado que as próprias crianças procuram transgredir os estereótipos de gênero e reinventam suas brincadeiras nessa direção; elas não se apropriam dos elementos culturais de forma passiva.

A brincadeira é o trabalho da criança e, assim como não deveríamos separar profissões de homens e profissões de mulheres, também não deveríamos separar os brinquedos e as brincadeiras segundo o sexo. Afinal, quem denomina se algo é para menina ou menino, mulher ou homem, são as/os adultas/os e, geralmente, desconsiderando a opinião das crianças.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os brinquedos que apresentamos para as crianças foram/são estruturados a partir de uma cultura e estão carregados de significados. São produtos prontos e que contribuirão para que as crianças se apropriem dessa cultura. Os brinquedos também servem como recurso para elas se inserirem em um universo de fantasias onde elas entram em contato com suas subjetividades e expressam seus sentimentos, sejam de angústia, medo ou anseio.

Entretanto, não basta apenas oferecer ao menino uma boneca e à menina um carrinho ou um super-herói, é preciso insistir, estimular, demonstrar o quanto é legal e divertido brincar com aqueles brinquedos, embora elas, as crianças, não tenham familiaridade. A livre escolha dos brinquedos será o produto final desse processo, permitindo então que as crianças vivenciem de forma ativa os seus conflitos pessoais que de outra forma não foram passíveis de serem expressados, assim como não deixem de brincar devido a preconceitos de gênero. Ressalto que esse estímulo às brincadeiras naturalizadas como femininas ou masculinas deve acontecer de forma gradual, de forma que as crianças compreendam a proposta de rompimento de estereótipos de gênero. É muito importante que todas as atividades, brincadeiras e ações que são apresentadas para as crianças façam sentido para elas, caso contrário os estereótipos/preconceitos de gênero muitas das vezes não serão desconstruídos.

Resta evidente profícuo campo de estudo, no qual busca se inserir este artigo, direcionado à ampliação dos conhecimentos acerca do universo de fenômenos referentes ao campo da educação infantil, especialmente no que diz respeito à temática dos brinquedos estereotipados segundo o sexo, seu atual tratamento dentre as instituições (família e escola) e qual a desejável trajetória a ser percorrida para a consecução de uma sociedade fundada em preceitos de igualdade e de democracia

de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1981. p.279
- AUAD, Daniela. *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus Editorial, 1984.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Brinquedos e Brincadeiras de Creches: Manual de orientação pedagógica*. 2012. Disponível em: <http://www.telemacoborba.pr.gov.br/arquivo_concurso_2015/brinq_e_brinc_MEC.pdf>. Acesso em: 11 set 2015.
- CARVALHAR, Danielle. *Relações de gênero no currículo da educação infantil: A produção das identidades de princesas, heróis e sapos*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- CAVALLINI, Marta. Setor de brinquedos traz os lançamentos para 2016: Os fabricantes apostam na tecnologia e na tradição. *G1*, São Paulo, 2016, p.1.
- DRUMOND, Viviane. É de menina ou de menino? Gênero e Sexualidade na Formação da professora de Educação Infantil. In: *Anais – Fazendo Gênero 9*. 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278281542_ARQUIVO_artigo-Viviane.pdf>. Acesso em: 05 mai 2015.
- ELIOT, Lise. *Cérebro azul ou rosa*. O impacto das diferenças de gênero na educação – Porto Alegre: Penso, 2013.
- FERRARI, Anderson. *Embaralhamentos entre relações de gênero e sexualidades nas escolas*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tPvEfq1IzjY>>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- FINCO, Daniela. *Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil*. Pro-Posições: Dossiê: Educação Infantil e Gênero, vol. 14, nº 42, 2003, pp.89-102.
- _____. *Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher: relações de gênero nas relações de meninos e meninas na pré-escola*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- _____. A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: Faria, Ana Lúcia G. de. *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*. São Paulo, Cortez, 2007.
- _____. *Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero / Daniela Finco; orientação Cláudia P. Vianna*. São Paulo: [s.n.], 2010.
- HINES, Melissa. Play and gender. In *The Child: An Encyclopedic Companion*. R.A. Shweder, T.R. Bidell, A.C. Dailey, S.D. Dixon, P.J. Miller, & J. Modell (eds.) University of Chicago Press, Chicago, in press, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *PME – Pesquisa Mensal de Emprego*, 2010. [online] Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf> Acesso em: 20 jul 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. *Pro-Posições* [online]. 2008, vol.19, n.3, pp. 209-223. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072008000300011>>. Acesso em: 03 ago 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil*. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>> Acesso em: 20 jul 2016.

LEITE, Maria Isabel F. P. *Brincadeira de menina na escola e na rua: reflexões da pesquisa no campo*. Cadernos Cedes, ano XXII, n° 56, Abril de 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n56/10865.pdf>> Acesso em: 10 ago 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. *In: Teoria & Educação*. Porto Alegre: Pannonica, n° 6, pp. 1992, pp. 53-67.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica editora, 2001.

_____. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. *Pró-Posições*. v.19, n.2, maio-ago, 2008.

MEFANO, Ligia. *O Design de Brinquedos no Brasil: Uma arqueologia do projeto e suas origens*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro, 2005.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-090-2

